



DEFININDO METÁFORA

Marina Chiara Legroski¹

RESUMO: O objetivo principal desse trabalho é traçar um panorama dos estudos da metáfora. Por entender que esse fenômeno possui uma natureza híbrida, ou seja, é interessante tanto para pragmaticistas quanto para semanticistas, pretendo trazer algumas definições que os cientistas dão de suas disciplinas, compará-las com as definições que encontramos de metáfora e, assim, julgar em qual disciplina esse fenômeno pode ser melhor investigado. Como sabemos, as duas áreas são capazes de dar contribuições, porém precisamos de um instrumental mais refinado para dar conta dos significados metafóricos.

Palavras-chave: metáfora, semântica, pragmática.

Na medida em que uma ciência vai se constituindo, vão sendo traçados seus pressupostos, delineando-se seus objetos de estudo, reconhecendo-se suas limitações, incluindo e excluindo fenômenos que podem ou não ser analisados dentro do que foi estabelecido como pressuposto. Ora, é um dos pressupostos da semântica que ela trata do significado das expressões da língua. Kreidler, (1998: 13) afirma que “a semântica é uma tentativa de explicar o conhecimento de qualquer falante de comunicar fatos, sentimentos, intenções e produtos da imaginação para outros falantes e de entender o que eles comunicam para ele ou ela.”² É uma definição que não esgota os objetivos dessa disciplina mas que, sem dúvida, coloca em cena a capacidade de comunicar e de ser entendido que todo falante possui, mas que certamente não sabe como explicar. Evidentemente, qualquer disciplina científica se propõe a sistematizar o conhecimento implícito de qualquer pessoa, mas o ponto aqui é a compreensão que os falantes de uma língua possuem quando comunicam-se entre si que só acontece porque temos condições de atribuir significado aos estímulos fonológicos que recebemos durante a comunicação.

Por outro lado, existe a metáfora, que é um fenômeno da língua de relativa importância que envolve, por um lado, a significação literal da palavra e, por outro,

¹ Aluna do programa de pós graduação da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná. Bolsista de mestrado do CNPq. marinalegroski@gmail.com.

² Linguistic semantics is an attempt to explicate the knowledge of any speaker to communicate facts, feelings, intentions and the products of the imagination to other speakers and to understand what they communicate to him or her.

um uso especializado que significa, em geral, algo que se assemelha ao primeiro sentido, mas que não o engloba de todo. Nas palavras de Vogel (1998:08)¹, “uma metáfora bem sucedida constrói uma situação na qual duas categorias tem um elemento em comum, e então a sentença de comparação também é verdade.”

Para Lakoff e Johnson, autores do livro *Metaphors we live by*, a metáfora é algo que faz parte da nossa linguagem mesmo quando não estamos usando o que comumente chamaríamos de linguagem não figurada. A metáfora, para eles, é parte de um processo nas bases da cognição, que faz com que embasemos toda a nossa comunicação em modelos mais ou menos universais.

Assim, para dizermos coisas mais abstratas, utilizamos termos mais concretos; por exemplo, dizemos que coisas positivas são para cima e negativas são para baixo (por exemplo, “subiu na vida”, “caiu no meu conceito”), acontecimentos do passado estão “para trás” e o futuro está “para frente”. Outro exemplo disso seria que o vocabulário utilizado para falar de “argumentação” é o mesmo utilizado para falar de guerra (“defendi meus argumentos”, “ataquei os argumentos do outro”, “abalei as bases dessa argumentação” etc).

Márcia Cançado, em seu livro *Manual de Semântica*, faz uma discussão sobre metáfora nos modelos propostos por Lakoff e Johnson. Ela escreve que “os cognitivistas afirmam que as metáforas têm características e propriedades sistemáticas, longe de serem anomalias idiossincráticas” (CANÇADO, 2005: 101). “A sistematicidade”, diz ela,

refere-se à maneira que a metáfora estabelece um campo de comparações, e não somente um único ponto de comparação. Ou seja, estabelece-se uma associação não somente entre um conceito e outro, mas entre vários conceitos participantes do mesmo campo semântico do alvo e da fonte.

Dentro dessa linha de análise, portanto, a metáfora está nas bases da cognição e toda comunicação passa por algum tipo de processo metafórico, seja pela assimilação de ‘novos conceitos’ a ‘velhas metáforas’, seja pela utilização dessas expressões cristalizadas.

Porém, esse trabalho, mais do que conceituar a metáfora, pretende entender os limites a que chega a semântica formal e se essa área pode ou não dar uma contribuição para estudar esse fenômeno. Para isso, foi necessário ver o que diversos autores, principalmente semanticistas formais e pragmaticistas, entendiam por semântica formal e por metáfora, ou seja, passear pela epistemologia da disciplina e pelas definições que faziam da metáfora. É um pouco restritivo, por exemplo, não observar mais a fundo o que outras teorias (principalmente cognitivistas) falam a respeito da metáfora, mas é um recorte que se faz necessário.

¹ A successful metaphor constructs a situation in which two categories do have a common element, and thereafter the comparison sentence is also true. Tradução minha.

Além disso, foi necessário ver se esses autores faziam algum tipo de menção à pragmática (disciplina também devotada ao estudo da significação, mas principalmente aos contextos em que a significação flutua devido à situação de uso) e se entendiam que essa disciplina poderia dar conta de fenômenos que eles próprios não poderiam, além de verificar se os pragmaticistas entendiam-se como potenciais estudiosos de metáfora.

1. DEFININDO SEMÂNTICA

O primeiro passo, portanto, é procurar saber o que é semântica para cada um deles. Em seu livro *Meaning and Grammar*, Gennaro Chierchia e Sally McConnell-Ginet afirmam que (CHIERCHIA ET McCONNEL-GINET, 2000: 01) “a semântica é o ramo da lingüística devotado à investigação do significado da língua, à interpretação de expressões em um sistema de linguagem”². Além disso, afirmam que “muitos dos conceitos e técnicas de análise que introduzimos têm origem na lógica e na filosofia da linguagem; nós os aplicamos para estudar as linguagens humanas contemporâneas.”³

Eles vão além e afirmam que entendem que a semântica faz parte da lingüística porque adotam como pressuposto que a língua possui uma gramática, ou seja, um sistema de regras simples que podem ser utilizadas e re combinadas de maneiras infinitas pelos falantes, permitindo certa criatividade dentro do sistema da língua. Essas idéias, evidentemente, estão pautadas nas reflexões de Noam Chomsky e dos estudos gerativistas da língua que, segundo Chierchia e McConnell-Ginet, deram contribuições muito interessantes para os rumos das investigações lingüísticas.

Para eles, a semântica não é a única forma de se estudar o significado, inclusive dentro da própria lingüística. Afirmam que “(...) o estudo do significado é delimitado para ser distribuído para uma variedade de disciplinas e talvez também para diferentes ramos da lingüística” (2000:03)⁴. Por outro lado, como sabemos, o livro é devotado à semântica formal e, portanto, se ele faz essa ressalva, é para reconhecer a existência e a pertinência de outras áreas que, no entanto, não compartilham pressupostos.

Um pouco além, os autores afirmam ainda que “a compreensão é uma questão não de corrigir representações, mas de chegar a um consenso do significado da informação”⁵. Ou seja, faz parte da capacidade cognitiva dos seres

2 Semantics is the branch of linguistics devoted to the investigation of linguistic meaning, the interpretation of expressions in a language system. Tradução minha.

3 Many of the concepts and analytical techniques we introduce have their origins in logic and the philosophy of language; we apply them to the study of actual human languages.

4 “(...) the study of meaning is bound to be parceled out to a variety of disciplines and perhaps also to different branches of linguistics.” Tradução minha.

5 "Understanding is a matter not of retrieving representations but of achieving consensus on

humanos que se possa concluir uma conversa, mesmo que cada um dos indivíduos envolvidos possua experiências e conhecimento de mundo bastante diferentes. Evidentemente, esse não é o mérito do livro (até porque a semântica formal se afasta da semântica cognitiva) e, mais adiante, eles entram em discussões como acarretamento e pressuposição e passam todo o livro abordando questões concernentes à forma lógica, valor de verdade, intensionalidade, e mesmo questões como semântica lexical e quantificadores.

Inclusive, afirmam que “parte da tarefa da semântica precisa dizer algo sobre o como o significado das palavras deveria ser e algo sobre os algoritmos de combinação desses significados das palavras para chegar aos significados de frases e sentenças”. (2000:05) Ou seja, afirmam que é dever da semântica explicar a forma como as palavras se arranjam e como, estando juntas, significam algo além do que sozinhas significavam.

Outro texto analisado foi o livro de Charles Kreidler, *Introducing English Semantics*, que, a exemplo do primeiro e como podemos notar pelo próprio título, também é um manual de semântica, voltado para estudantes que estão iniciando seu percurso nessa disciplina. Kreidler (1998: 13) define a semântica como “uma tentativa de explicar o conhecimento de qualquer falante para comunicar fatos, sentimentos, intenções e os seus produtos da imaginação para outros falantes e entender o que eles lhe comunicam.”⁶

Para Kreidler (1998: 03), “a semântica é o estudo sistemático do significado, e a semântica lingüística é o estudo de como as línguas organizam e expressam significados.”⁷ Ou seja, Kreidler entende a semântica como a disciplina devotada a entender o significado, tanto de palavras como de expressões, e de que forma esses significados, organizados, podem transmitir informações.

Ronnie Cann (1993: 01) afirma que “em seu sentido mais abrangente, semântica é o estudo do significado e a semântica lingüística é o estudo do significado expresso pelas palavras, frases e sentenças das línguas humanas”.⁸ Para ele, recuperando Kempson (1977),

uma teoria semântica deve:

1. capturar de qualquer língua a natureza do significado das palavras, frases e sentenças e explicar a natureza da relação entre elas;
2. ser capaz de prever as ambigüidades nas expressões de uma

informational significance.” Tradução minha.

⁶ “Linguistic semantics is an attempt to explicate the knowledge of any speaker to communicate facts, feelings, intentions and the products of imagination to other speakers and to understand what they communicate to him or her”. Tradução e adaptação minhas.

⁷ “Semantics is the systematic study of meaning, and linguistic semantics is the study of how languages organize and express meanings.”

⁸ “In its broadest sense, semantics is the study of meaning and linguistic semantics is the study of meaning as expressed by the words, phrases and sentences of human languages”.

língua;

3. caracterizar e explicar as relações sistemáticas de significado entre as palavras, as frases e as sentenças de uma língua.⁹

Além disso, ele apresenta a sua definição de semântica, que relaciona a linguagem com as coisas no mundo. Assim, “uma teoria semântica deve prever um tipo de relação entre as expressões lingüísticas e as coisas para as quais elas podem ser usadas para falar sobre.”(1993: 01)¹⁰ Ele admite que nem todos os aspectos do significado estão incluídos dentro dessas duas definições, mas afirma que elas podem cobrir muito do que já foi feito dentro da semântica.

Ele apresenta ainda uma definição de semântica formal. Para ele, a semântica formal é

distinta das semânticas lingüísticas gerais pelo seu maior uso de técnicas matemáticas e confiança na precisão lógica. (...) A semântica formal por ela mesma foi idealizada como um meio de prover uma interpretação precisa para linguagens formais, *i.e.*, a lógica e a matemática se opõe às línguas naturais que são faladas ou escritas como as línguas maternas dos seres humanos¹¹. (CANN, 1993:02)

Isso não significa que a semântica formal não possa ser utilizada para descrever e analisar as línguas naturais, mas pelo contrário. A idéia em jogo aqui é que a ferramenta formal é tão precisa que pode ser utilizada para analisar fenômenos de qualquer língua; ou seja, é uma ferramenta que prescinde do uso real da linguagem para funcionar.

Na introdução do livro *Formal Semantics – Essential Readings*, Paul Portner e Barbara H. Partee (2002:01) escrevem que “as raízes da semântica formal estão na lógica e na filosofia da linguagem.”¹² É uma asserção bastante direta, mas que traz à tona o fato de que essa disciplina não nasceu na lingüística, embora tenha trazido a ela inúmeras contribuições. Por não ser uma disciplina essencialmente e com bases

⁹A semantic theory must:

1. capture for any language the nature of the meaning of words, phrases and sentences and explain the nature of the relation between them;
2. be able to predict the ambiguities in the expressions of a language;
3. characterize and explain the systematic meaning relations between the words, the phrases and the sentences of a language. Tradução minha.

¹⁰ “A semantic theory must provide an account of the relation between linguistic expressions and the things that they can be used to talk about.” Tradução minha.

¹¹ “This theory is a formal theory of semantics and is distinguished from **general linguistic semantics** by its greater use of mathematical techniques and reliance on logical precision. (...) Formal semantic itself was devised as a means of providing a precise interpretation for **formal languages**, *i.e.*, the logical and mathematical languages that are opposed to **natural languages** that are spoken or written as the native languages of human beings.” Tradução minha.

¹² “The roots of formal semantics lie in logic and the philosophy of language”. Tradução minha.

na lingüística, a semântica formal não tem como objetivo explicar situações de uso da língua e nem como funciona processo cognitivo de interpretação.

A semântica formal contrasta em número de dimensões com outras abordagens do significado dentro da lingüística, psicologia e filosofia. A semântica formal se origina dentro da tradição não psicologizante de significados ‘objetivos’(pensamento abstrato) (Frege 1982; Tarski 1944, Carnap 1956, Montague 1970b), que contrastam com a visão psicologizante dos significados “na cabeça” (Fodor, 1975; Jackendoff 1983, 1996; Higginbotham 1985; Lakoff 1987, e todos os psicólogos). (...) A semântica formal clássica (...) distingue semântica do conhecimento semântico, (...) fazendo a competência semântica interessantemente diferente da competência sintática. (...) A semântica formal difere da maioria das teorias semânticas anteriores nisso: é mais uma teoria de modelo do que representacional.¹³ (PORTNER e PARTEE, 2002:01-02)

Ou seja, a semântica formal é aquela se ocupa, basicamente, de como interpretar abstratamente as sentenças da língua.

Dois manuais de introdução à semântica brasileiros também foram utilizados: *Introdução à Semântica*, de Rodolfo Ilari, e *Manual de Semântica*, de Márcia Cançado.

O primeiro é uma tentativa bem humorada do autor de trabalhar noções básicas da significação para pessoas leigas no assunto. Embora essa seja o objetivo de todos os manuais, o de Ilari se destaca principalmente por trazer jogos com palavras e diversos exemplos retirados de propagandas, músicas, textos jornalísticos, ou seja, material que faz parte do dia-a-dia de qualquer brasileiro. Em uma nota introdutória, ele explica que esse material pode ser usado, inclusive, para ser utilizado por professores de língua portuguesa no Ensino Médio.

Ainda nessa nota, Ilari afirma: “o que chamo aqui de ‘temas de semântica’ são operações que realizamos o tempo todo, sem nos preocuparmos em teorizar, quando usamos a língua no dia-a-dia” (ILARI, 2006: 13). “Os temas de semântica” propostos por ele são divididos em capítulos, nos quais muito material lingüístico é objeto de análise, assim como explicações bastante simples são dadas aos

13 “Formal semantics contrasts on a number of dimensions with other approaches to meaning within linguistics, psychology, and philosophy. Formal semantics originates within the non-psychologicistic tradition of ‘objective’ (though abstract) meanings (Frege 1982; Tarski 1944, Carnap 1956, Montague 1970b), which contrasts with the psychologicistic view of meaning ‘in the head’ (Fodor, 1975; Jackendoff 1983, 1996; Higginbotham 1985; Lakoff 1987, and all psychologists). (...) Classical formal semantics (...) distinguished semantics from knowledge of semantics (...), making semantic competence interestingly different from syntactic competence. (...) Formal semantics differs from most previous linguistic theories of semantics on another dimension as well: it is model-theoretic rather than representational.”

professores. O que interessa para esse trabalho, no entanto, é perceber que, para ele, os assuntos pertinentes para se estudar dentro da semântica são todos aqueles que fazem parte do nosso conhecimento de falantes, da produção e interpretação que fazemos enquanto usuários da língua. Assim, fazem parte do seu material tanto noções de segmentação de palavras quanto de pressuposição e atos de fala.

Márcia Cançado, logo no início do primeiro capítulo do seu livro (intitulado “O que é semântica?”), define essa disciplina como “o estudo do significado das línguas”. (CANÇADO, 2002: 15) “Assumimos, mais especificamente, que o semanticista busca descrever o conhecimento semântico que o falante tem de sua língua” (2002: 16). Essas definições dão conta apenas da parte mais superficial do estudo da significação, mas ela ainda vai além. Ao contrário do que parecia consenso até agora, ela afirma que “a semântica não pode ser estudada somente como a interpretação de um sistema abstrato, mas também tem que ser estudada como um sistema que interage com outros sistemas no processo da comunicação e expressão dos pensamentos humanos.” (CANÇADO, 2002: 19)

Podemos perceber que, para Cançado, a semântica precisa dar conta de fenômenos além dos estudados pela semântica formal. Por isso, para ela, é necessário que se pense na interação de diversos sistemas. Ao longo do livro, isso fica bastante evidente: seu último capítulo trata de outras abordagens semânticas (cognitiva, teoria dos atos de fala, semântica lexical, da argumentação etc.). Tanto que ela também faz uma conceitualização de metáfora mas, dado o fato de que a faz dentro de uma abordagem mentalista (retomando a citação de Portner e H.Partee, aquela semântica psicologizante, que trata de significados “na mente”) principalmente dentro das definições de Lakoff. Para exemplificar ainda outra vez o entendimento que ela tem de semântica, utilizo esse trecho no qual ela afirma que

fica claro que nem sempre o sistema semântico é o único responsável pelo significado; ao contrário, em várias situações, o sistema semântico tem o seu significado alterado por outros sistemas cognitivos para uma compreensão final do significado. Por exemplo, vem sendo explorado por alguns estudiosos que alguns aspectos do significado são explicados em termos de teorias da ação, ou seja, dentro do domínio de uma teoria da pragmática. (CANÇADO, 2002: 17)

Para Cançado, portanto, a abordagem semântica não precisa ser necessariamente formal. Isso se deve ao fato de ela mesma não ser uma semanticista formal, mas, mais que isso, que o seu manual (assim como o de Ilari) não se pretende um manual de semântica formal.

2. DEFININDO PRAGMÁTICA

Como facilmente podemos concluir, poucos dos materiais utilizados trariam definições de pragmática e mesmo de conceitos que são mais tradicionalmente vinculados a ela, como contexto, por exemplo. Isso pode ser facilmente entendido porque são manuais de semântica formal, e não de estudo geral do significado. A pragmática, embora também estude a significação, não pode ser considerada filiada ou mesmo aparentada à semântica formal, o que, de certa forma, explica porque esses manuais não a mencionam.

Entretanto, o fato de serem manuais de introdução (e não livros especificamente devotados a um fenômeno) permitiu a alguns deles trazerem algumas linhas explicando no que a semântica difere da pragmática, ou, melhor dizendo, o que os semanticistas entendem que é assunto para outra disciplina que estude a significação.

Um desses manuais é o supracitado *Meaning and Grammar*, de Chierchia e McConnell-Ginet (2002). Eles fazem um adendo, explicando que interagem com a pragmática porque, como eles adotam o paradigma gerativo, tomam a

lingüística para incluir não apenas o estudo das línguas e suas interpretações como sistemas abstratos, mas também o estudo de como tais sistemas são representados nas mentes humanas e usadas por agentes humanos para expressar seus pensamentos e se comunicar com outros. Assim, desenvolvemos nossa teoria semântica com uma visão para a sua interação com a pragmática. Nós iremos considerar não apenas o que as expressões lingüísticas significam por elas mesmas (no *stricto sensu* da semântica) mas também o que os falantes querem significar as utilizando (pragmática).(CHIERCHIA e McCONNEL-GINET, 2002: 05)¹⁴

Dessa forma, a abordagem que eles dizem estar desenvolvendo leva em conta o *contexto* e a *situação de uso*, conceitos fundamentais da pragmática. Um pouco antes, eles explicam que “pragmática é o estudo de *usos situados* da língua, e isso se relaciona a questões como o status da sentença como ações com certos tipos de efeitos pretendidos.” (2002: 05)¹⁵

Ronnie Cann, no livro *Formal Semantics*, faz também menção ao contexto, dizendo que “uma das influências mais importantes no significado é o *contexto de uso*. O contexto desempenha um papel vital ao determinar como um uso particular

¹⁴ “As our adoption of the generative paradigm implies, we take linguistics to include not only the study of languages and their interpretations as abstract systems but also the study of how such systems are represented in human minds and used by human agents to express their thoughts and communicate with others. Thus we developed our semantic theory with a view to its interaction with a pragmatic theory. We will consider not only what linguistic expressions themselves mean (semantics in the strict sense) but also what speakers mean by using them (pragmatics). Tradução minha.

¹⁵ “Pragmatics is the study of *situates uses* of language, and it addresses such questions as the status of utterance actions with certain kinds of intended effects.” Tradução minha.

pode interpretado em uma ocasião”(CANN, 1993:22)¹⁶.

Já *Introducing English Semantics*, de Charles Kreidler, possui um capítulo chamado “Language in use”, no qual trata de questões que vão de pragmática à prosódia, além de comunicação não verbal. Nesse capítulo, Kreidler escreve que

a pragmática é um outro ramo da lingüística que é ligado ao significado. Pragmática e semântica podem ser vistas como partes diferentes, ou aspectos diferentes, o mesmo estudo geral. Ambas estão envolvidas com a habilidade das pessoas de usar a linguagem de modo a significar. Enquanto a semântica está majoritariamente ligada com a competência do falante de usar o sistema da língua produzindo proposições com significado e processando (compreendendo) proposições produzidas por outros, o principal foco da pragmática é a habilidade da pessoa de derivar significados a partir de tipos específicos de situações de fala. (...) Evidentemente, o limite entre a semântica e a pragmática é vago e, no presente momento, diversos estudiosos estão prontos para discordar a respeito de onde o limite está.¹⁷(KREIDLER, 1998:18-19)

Em seu livro *Pragmatics*, Stephen Levinson se propõe, assim como os semanticistas supracitados, a fazer uma introdução e dar um panorama dos fenômenos de linguagem mais comumente discutidos pela pragmática. Em uma definição bastante inicial em seu texto, ele diz que “a pragmática é o estudo daquelas relações entre linguagem e contexto que são gramaticalizadas ou inseridas na estrutura de uma língua.”(LEVINSON, 1983:09)¹⁸ Para além disso, “o escopo da pragmática pode incluir o estudo da **dêixis** (...), e provavelmente o estudo da **pressuposição e atos de fala**”¹⁹.”(1983:09)

Ou seja, o escopo da pragmática vai além do sentido literal, mas, mais que isso, procura dar conta do que está dentro da linguagem e foi excluído do sistema lingüístico. Em uma definição escrita mais além, Levinson (1983: 12) diz que “a

¹⁶ “One of the most important influences on meaning is that of the **context of utterance**. The context plays a vital role in determining how a particular utterance is to be interpreted on any occasion.” Tradução minha.

¹⁷ “Pragmatics is another branch of linguistics that is concerned with meaning. Pragmatics and semantics can be viewed as different parts, or different aspects, of the same general study. Both are concerned with people’s ability to use language meaningfully. While semantics is mainly concerned with a speaker’s competence to use the language system in producing meaningful utterances and processing (comprehending) utterances produced by others, the chief focus of pragmatics is a person’s ability to derive meaning from specific kinds of speech situations. (...) Obviously the boundary between semantics and pragmatics is vague and, and at the present time various scholars are apt to disagree about where the boundary is.” Tradução minha.

¹⁸ “Pragmatics is the study of those relations between language and context that are grammaticalized, or encoded in the structure of a language.”

¹⁹ “such a scope of pragmatics would include the study of deixis (...), and probably the study of presupposition and speech acts.”

pragmática é o estudo de todos aqueles aspectos do significado que não são capturados em uma teoria semântica²⁰” (o que nos parece um pouco a famosa preocupação de Bar-Hillel, ou seja, que a pragmática é a cesta de lixo da lingüística).

As definições deixadas por Levinson ao longo do livro são várias e não é necessário que as esgotemos: a sua maior preocupação, assim como a de todos os autores de manuais introdutórios, é a de não deixar de fora nenhum aspecto – o que parece uma tarefa quase impossível, em se tratando de disciplinas que pretendem dar conta de um fenômeno nada estanque como é a linguagem. Entretanto, as definições citadas acima parecem apontar na direção de que a pragmática é uma disciplina disposta a lidar com fenômenos excluídos por outras, na medida em que dá conta do que está além das sentenças.

Nesse sentido, cabe a definição de Kadmon reformulada e citada por Ligia Negri, em sua tese de doutorado. Diz ela que “a semântica se ocupa de questões ligadas à interpretação veri-condicional, isto é, questões ligadas ao sentido literal; e a pragmática estaria ligada à linguagem em uso ‘indo além do sentido literal’”²¹.(KADMON, apud NEGRI 2008:13)

Nesse trabalho, Negri está preocupada em delimitar a fronteira entre a semântica e a pragmática, e o faz, geralmente, por meio de comparações. Assim, para ela,

na sua concepção, a pragmática e a semântica forneceriam uma interpretação que iria de contextos a proposições e as proposições se constituiriam como funções que iriam de mundos possíveis a valores de verdade. A pragmática seria responsável pela primeira etapa dessa função de interpretação: a que relaciona proposições e contextos, e a semântica à segunda: a que conduz mundos possíveis a valores de verdade. (NEGRI, 2008: 116)

Apenas para finalizar essa comparação (e para fazer um contraponto a Levinson), resenhando Ilari (2000), a autora diz que “a assunção explícita desse autor é a de que fenômenos sistemáticos e calculáveis como a dêixis, os atos de fala e as pressuposições pertenceriam ao campo da semântica, ao passo que as implicaturas conversacionais se constituiriam como protótipo do fenômeno pragmático, este como avesso da interpretação calculável”. (2008: 119)

Esse trabalho poderia, ainda, trazer diversas outras definições do que é pragmática e mesmo fazer muitas outras comparações nos moldes das feitas por diversos estudiosos, mas creio que esse último trecho traga uma definição interessante: a de que a pragmática se debruça sobre tudo aquilo que não pode ser calculado, ao passo que a semântica seria o exemplo de disciplina que se ocupa

20 “Pragmatics is the study of all those aspects of meaning not captured in a semantic theory.”

21 Kadmon, Formal Pragmatics, apud NEGRI, L. Zona de fronteira: a delimitação entre a semântica e a pragmática sob a lente das expressões de polaridade negativa.p.13

apenas do que pode, efetivamente, ser demonstrado por cálculos.

3. CONCEITOS DE METÁFORA

A maior parte da investigação desse trabalho destinou-se, justamente, para entender de que forma a semântica formal poderia auxiliar no estudo da metáfora. Entretanto, nos manuais de semântica formal analisados para esse trabalho não foram encontradas definições nem tampouco sugestões de como a metáfora poderia ser abordada.

A semântica formal, porém, possui uma ramificação recente, mas bastante pertinente e justificada, chamada de “semântica dinâmica”. O texto de Carl Vogel intitulado *Dynamic Semantics for Metaphor* (VOGEL, 2005) é justamente uma tentativa de explicar como uma semântica que lida com valores de verdade e tem uma base lógica pode ajudar na compreensão desse fenômeno, que não foi abordado pelos outros autores.

Para Vogel,

A linguagem não-litera é geralmente entendida como estando fora do ponto de vista da semântica de teoria de modelos. A filosofia formal da linguagem tem sido influenciada por opiniões de que a metáfora, como uma forma de linguagem não-litera, é essencialmente defectiva ou não mais do que figurativa, mesmo que seu uso inspire *insights* cognitivos. (Percy, 1958). Uma perspectiva oposta é a de que todo o uso da linguagem é condicionado pela metáfora, que a metáfora é fundamental para a cognição e é ainda parte do plano de fundo dos significados das sentenças mais do que apenas convencionalizado por elas, uma visão inspirada em Lakoff e Johnson (1980).²² (VOGEL, 2005:03)

Essa apresentação de metáfora serve para entendermos o fato de os outros textos não a terem apresentado como objeto de estudo de sua teoria. A metáfora não é um uso convencional da linguagem (mesmo que Lakoff e Johnson a entendam como parte da linguagem do cotidiano, sua abordagem é diferente da que esse trabalho toma. Para eles, como dito anteriormente, a metáfora está mais nas bases da construção dos enunciados.) e, portanto, não pode ser analisada utilizando apenas as ferramentas formais, que tomam o significado como mais ou

22 Vogel. op. cit.,p.3. “Non literal language is often thought to be outside the purview of model theoretic semantics. Formal philosophy of language has been influenced by opinions that metaphor, as a form of nonliteral language, is essentially defective or no more than ornamental, even if its use does offer cognitive insights (Percy, 1958). An opposing perspective is that all language use is reconditioned by metaphor, that metaphor is fundamental to cognition and is therefore part of the backdrop to the meaningfulness of sentences rather than something conveyed by them, a view inspired by Lakoff & Johnson (1980).” Tradução minha.

menos estanque.

(Por outro lado, a metáfora possui uma certa regularidade. Reiterando a citação de Vogel feita anteriormente, uma metáfora bem sucedida é aquela que toma duas palavras e, assim, dois campos semânticos, e as compara de uma forma a tomar apenas um dos tantos significados. Assim, se eu digo que

(1) Maria é uma baleia.

estou falando de um atributo físico de Maria (evidentemente, o de estar um pouco acima do peso) e de um atributo da baleia (ser um animal enorme). Dificilmente estarei dizendo, com isso, que Maria é um mamífero, que Maria vive no mar, ou ainda que Maria come *krill*. É a isso que estou chamando de “certa regularidade”.)

Sobre a descrição e análise da metáfora dentro dos padrões formais, Vogel afirma ainda que

é uma tomada de posição desse trabalho que os significados devem ser entendidos nas sentenças metafóricas usando o mesmo aparato formal que nas sentenças literais, embora com o lócus da metaforicidade apropriadamente identificado com o sistema. O maior ponto é demonstrar que a metaforicidade não está fora do estudo da semântica das línguas naturais²³. (VOGEL, 2005: 04)

Para Vogel, portanto, o estudo da metáfora é licenciado por uma semântica de valor de verdade e que o aparato lógico deve permitir, e não vetar, esse tipo de análise. “Uma teoria completa de metáfora dentro da semântica requer uma explicação das condições de verdade, incluindo uma teoria do impacto na interpretação subsequente”.(2005:05)²⁴

Nesse trabalho, Vogel traz uma explicação bastante interessante de metáfora dentro da semântica dinâmica, mostrando, inclusive, que essa teoria permite que uma sentença com metáfora seja entendida das duas formas sem, no entanto, privilegiar uma ou outra interpretação. Apesar de bastante interessante, não cabe nesse trabalho explicar as diferenças entre a semântica dinâmica e a semântica formal. Cabe, apenas, dizer que elas possuem pontos em comum, principalmente a ligação com a lógica e com valores de verdade, como foi demonstrado acima. A inclusão desse texto dentro desse trabalho se deve a esses pontos comuns porque, assim, a semântica dinâmica pode ser entendida como uma ramificação da semântica formal.

Rodolfo Ilari, no capítulo dedicado à linguagem figurada em seu *Introdução à*

²³ “It is an assumption of this paper that meanings must be delivered for metaphorical sentences using the same formal apparatus as the literal senses, albeit with the locus of metaphoricity appropriately identified within the system. A major point is to demonstrate that metaphoricity is not outside the remit of natural language semantics.” Tradução minha.

²⁴ “A full theory of metaphor in semantics requires an account of truth conditions inclusive of a theory of the impact on subsequent interpretation”. Tradução minha.

Semântica, traz também uma definição de metáfora. Para ele,

temos metáfora toda vez que, indo além da simples apresentação de propriedades comuns, pensamos uma realidade nos termos da outra. O exercício de pensar uma realidade nos termos do que ela não é nos leva sempre a alguma descoberta, por isso mesmo, a metáfora é uma **poderosa fonte de novos conhecimentos** e novos comportamentos. (ILARI, 2002: 78)

Essa definição é bastante interessante porque ele não está colocando a metáfora nos termos formais, nem mesmo em termos de semântica: para ele, a metáfora é a comparação de “duas realidades”, é um modo de entender uma coisa, de pensar uma coisa, a partir de outra. Não é, de forma alguma, um objeto de estudo formal ou mesmo um objeto de estudo discursivo, mas apresentado simplesmente como um fenômeno da linguagem. Evidentemente, isso acontece porque, como dito anteriormente, esse é um manual para ser utilizado por professores do Ensino Médio. Por outro lado, não podemos deixar de lado a relevância desse conteúdo em um texto para tratar de semântica.

Como era esperado, no entanto, no livro de Stephen Levinson, *Pragmatics*, a metáfora aparece diversas vezes. Em uma delas, a metáfora aparece como assunto de diversos estudos semânticos. Para ele, existem pelo menos duas teorias semânticas para o tratamento da metáfora:

A teoria da comparação:

Metáforas são similares a predicções de similaridade com partes suprimidas. Assim, “lago é uma enguia” é semanticamente equivalente a “lago é como uma enguia”.

A teoria da interação:

Metáforas são usos especiais de expressões lingüísticas onde uma expressão (ou foco) ‘metafórica’ é embutida em outra expressão ‘literal’ (ou *frame*), tanto que o significado do foco interage com e *muda* o significado do *frame*, e vice versa. (LEVINSON, 1983: 148)²⁵

Para ele, as teorias semânticas supracitadas não servem para dar conta da metáfora, principalmente pelo fato de que, diz ele,

uma importante parte da força de qualquer metáfora parece envolver o que poderia ser chamado de ‘penumbra conotacional’ das expressões envolvidas, o *incidental* ainda mais do que as

²⁵“*The comparison theory*: Metaphors are similes with suppressed or deleted predications of similarity. Thus “lago is an eel” is semantically equivalent a “lago is like an eel”. *The interaction theory*: Metaphors are special uses of linguistic expressions where one ‘metaphorical’ expression (or focus) is embedded in another ‘literal’ expression (or frame), such that the meaning of the focus interacts with and changes the meaning of the frame, and vice versa.

características definidoras das palavras, e conhecimento de propriedades factuais de referentes e ainda conhecimento de mundo em geral. Todos esses assuntos estão além do escopo de uma teoria semântica, como geralmente é entendida dentro da lingüística.(LEVINSON, 1983:150)²⁶

Assim, para ele, uma teoria pragmática para a metáfora

será baseada em assumir que o conteúdo metafórico de uma proposição não será derivado de princípios de interpretação semântica; sem dúvida, a semântica irá prover apenas uma caracterização do sentido literal ou convencional das expressões envolvidas e, a partir disso, junto a detalhes do contexto, a pragmática terá que prover a interpretação metafórica. (LEVINSON, 1983:156)²⁷

mas, além disso, “dizer que a metáfora é de natureza em parte pragmática não é difama-la ou isolá-la, mas meramente colocá-la firmemente ao lado de outros usos naturais da linguagem que estamos descrevendo ao longo desse livro.” (1983:156)²⁸

Ou seja, para ele, é fundamental, para uma teoria de interpretação da metáfora, que se insiram outros elementos além dos considerados pela semântica.

4. DISCUSSÃO DOS DADOS

A discussão acerca dos limites da semântica formal está longe de ser encerrada, inclusive porque é extremamente produtiva para a própria ciência. O que esse trabalho pretende, como já foi dito anteriormente, é justamente entender como se articula essa discussão e entender o foco de estudo dessa disciplina.

Mesmo para os autores citados, essa discussão ainda é produtiva e isso fica evidente no cuidado que tomam ao definir sua teoria, ao esclarecer seus

²⁶ “An important part of the force of any metaphor thus seems to involve what might be called the ‘connotational penumbra’ of the expressions involved, the *incidental* rather than the defining characteristics of words, and knowledge of the factual properties of referents and hence knowledge of the world in general. All of these matters are beyond the scope of a semantic theory, as generally understood within linguistics.”

²⁷ “A pragmatic approach will be based on the assumption that the metaphorical content of utterances will not be derived by principles of semantic interpretation; rather the semantics will just provide a characterization of the literal meaning or conventional content of the expressions involved, and from this, together with details of context, the pragmatics will have to provide the metaphorical interpretation.”

²⁸ “To claim that metaphor is in part pragmatic in nature is not to denigrate or isolate it, but merely to place it firmly among the other more straightforward usages of language that we have described throughout this book.”

pressupostos, ao introduzir as definições mais elementares. Como vimos, nenhum dos manuais de semântica formal mencionou a metáfora em seus manuais (a não ser Rodolfo Ilari, que o faz bastante de passagem, em um livro que traz fenômenos que poderiam ser descritos mais como de significação do que propriamente foco de estudo da semântica) e, mesmo que tenhamos apresentado um autor que tenha tratado desse assunto, Carl Vogel, seu artigo não faz parte de um material introdutório.

Por outro lado, por diversas vezes os autores mencionaram o contexto, dizendo que ele é capaz de fazer as proposições significarem coisas diferentes do que significariam isoladas e, com isso, podemos perceber que a semântica formal se isenta de explicar o contexto porque escolhe como objeto as sentenças tomadas fora das situações de uso. Isso não significa que a semântica formal não tenha relevância; pelo contrário, as palavras e sentenças possuem uma significação estável, a partir da qual as derivações de significado acontecem. Retomando Chierchia e McConnell-Ginet, a semântica não está focada na significação para além do sentido estrito dos enunciados. É claro que eles podem admitir, por exemplo, ambigüidade, mas de qualquer forma sempre tomando o cuidado de esclarecer qual o significado que será tomado.

Assim, se a semântica formal está justificadamente isenta de estudar as situações reais de uso, a metáfora está automaticamente excluída de seus estudos, justamente porque a metáfora é um uso específico, especial, da linguagem. Esse tipo de uso cabe, como percebemos pelas definições dos semanticistas e mesmo dos próprios pragmaticistas, à pragmática. Essa disciplina, no entanto, é a que se caracteriza, como vimos, por se ocupar daquilo que não é calculável, daquilo que não pode ser explicado (ou pelo menos, ainda não foi) formalmente, daquilo que se insere dentro da linguagem sem estar dentro daquilo que Saussure incluiria como objeto de estudo da lingüística.

Por outro lado, o tratamento apresentado por Vogel se insere dentro de uma semântica formal, dentro de uma semântica veri-condicional e apresenta soluções, embora não descritas nesse trabalho, para uma interpretação de metáfora.

Disso tudo, o que parece ser consenso é que não há tratamento para a metáfora dentro da semântica formal, há (e pode haver ainda outros) dentro da pragmática e há a possibilidade de haver um tratamento dentro da semântica dinâmica.

Evidentemente, isso acontece graças aos pressupostos dessas áreas: a semântica não está preocupada com o que está fora do sistema e, como vimos, a metáfora parece ser composta tanto de um ‘sentido literal’ quanto de algo externo. A semântica, ocupando-se apenas do ‘literal’, não pode dar conta do externo. À pragmática, no entanto, cabe juntar, retomado Levinson, ao sentido captado pela semântica, o sentido que é apenas captado pela pragmática.

Em vista disso, a semântica formal parece não dar grandes colaborações no tratamento da metáfora, excetuando o caso da semântica dinâmica, que parece ter

ocupações um pouco diferentes da semântica formal, ao passo que a pragmática seria a “cesta” ideal para colocarmos esse fenômeno.

CONCLUSÕES

Dentro das teorias que percorremos, pudemos ver que há divergências dentro do que se entende por metáfora. Não há divergência, porém, no que os cientistas entendem que seja o seu escopo e o escopo dos outros. Há, inclusive, um grande cuidado da parte dos cientistas ao dizer o que entendem por sua disciplina.

O consenso, entanto, parece haver dentro das definições de semântica formal e afirmo isso baseada não no fato de que são definições similares (elas foram retiradas das primeiras páginas e possuem um caráter exageradamente simples), mas no fato de que os autores estão, em geral, dialogando e fazendo análises semelhantes, pensando nos mesmos fenômenos.

Quanto à visão que têm de pragmática, ela dialoga com a visão que os pragmaticistas têm, principalmente porque entendem que a pragmática é quem dá conta da interação, da modificação de significados que efetivamente ocorre em uma situação comunicativa. A pragmática se caracteriza por abarcar os fenômenos que não fazem parte da abordagem da semântica e isso parece ser consenso.

Porém, no que diz respeito a uma abordagem de metáfora, não parece haver consenso. Em primeiro lugar, porque dentro da semântica existem diversas formas de pensar a significação (por exemplo, a semântica cognitiva, que vimos acima) e, com isso, de “encaixar” a metáfora em uma delas. Por ser um fenômeno parte interacional, parte semântico, a metáfora fica em um “vai e vem” sobre a fronteira das disciplinas. O consenso, portanto, está longe de existir. Entretanto, é bom que isso aconteça para que as disciplinas possam rever seus pressupostos, pensar em formas diferentes de abordagem, analisar se é ou não necessário abarcar determinado fenômeno dentro daquela teoria.

Porém, como discuti acima, a semântica formal se circunscreve em um campo lógico, calculável, do qual a metáfora não faz parte por ter esse caráter híbrido. A semântica formal, portanto, não pode dar contribuições para o estudo desse fenômeno, pelo menos não além dos que as outras formas de abordagem já fizeram.

A pragmática, porém, parece ser uma área mais interessante para dar conta da metáfora pelos próprios pressupostos que veicula, mesmo motivo pelo qual a semântica não pode trazer grandes contribuições para o estudo desse fenômeno.

Se, no entanto, circunscrevermos os estudos da metáfora no campo da semântica formal, teremos a opção de pensá-la dinamicamente, ainda que, para isso, precisemos incluir, dentro de um tipo de estudo bastante formal, o contexto – algo excluído por Saussure nos seus primeiros recortes científicos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CANÇADO, Márcia. *Manual de Semântica*. Belo Horizonte, Editora da UFMG.
- CANN, R. *Formal Semantics*. Cambridge, Cambridge University Press. 1993.
- CHIERCHIA, Gennaro e McCONNEL-GINET, Sally. *Meaning and Grammar. An introduction to semantics*. Cambridge, The MIT Press. 2000.
- ILARI, Rodolfo. *Introdução à Semântica*. São Paulo, Editora Contexto. 2006.
- KREIDLER, Charles W. *Introducing English Semantics*. Londres, Routledge. 1998.
- LEVINSON, Stephen C. *Pragmatics*. Cambridge, Cambridge University Press. 1983.
- PORTNER, Paul. e PARTEE, Barbara H.(orgs) *Formal semantics – Essential Readings*. Oxford. Blackwell Publishing. 2002.
- NEGRI, Ligia. *Zona de fronteira: a delimitação entre a semântica e a pragmática sob a lente das expressões de polaridade negativa*. Tese de doutorado. 2006. Acessível em <http://hdl.handle.net/1884/7562>. Último acesso em 09/07/2009.
- VOGEL, Carl. *Dynamic Semantics for Metaphor*. Disponível em https://www.cs.tcd.ie/research_groups/clg/metaphorsymbol01.pdf. Último acesso em 09/07/2009.
- VOGEL, C. e BOUCHET, C. (1998). Semantic Ambiguity, Vagueness, and Constitutional Ramifications for the Family Law Act of 1996. Disponível em <https://www.cs.tcd.ie/publications/tech-reports/tr-index.98.php>. Último acesso em 09/07/2009.

ON METAPHOR

ABSTRACT: This paper focus on a broad view of metaphor research. Because this phenomenon has an hybrid nature, *i.e.*, concerns to pragmatics and semantics, I intend to bring some definitions that scientists give to your own disciplines, to compare with definitions that we found about metaphor and, then, to decide in which discipline this phenomenon can be better explained. As we shall know, both areas are able to make contributions, but we need a more accurate theoretical instrumental to catch metaphorical meanings.

Keywords: metaphor, semantics, pragmatics.

Recebido em 12 de julho de 2009; aprovado em 30 de agosto de 2009.